

# Um cliente esquecido

FABIANO VIEIRA DIAS

**O** dia 1 de julho. Dia mundial da Arquitetura. Data que passa despercebida pela maioria das pessoas bem como dos arquitetos, mas que aqui, tomaremos emprestada para iniciar uma reflexão sobre o seu lugar natural, o seu lugar de origem: a cidade, este cliente esquecido.

É fato que hoje os arquitetos e o resultado de seu trabalho - a arquitetura - passam por uma mudança de significado de valor, principalmente do seu valor econômico (o que ocorre também com outras profissões). O conceito do arquiteto-artista e seu atelier está sendo trocado pelo arquiteto-empresário dono de um escritório-empresa (de pequeno porte na maioria das vezes), não mais possuindo um mecenas para patrocinar seus projetos em obras.

Filósofos da atualidade, críticos e sociólogos nos mostram que nossas cidades contemporâneas crescem e estão sendo construídas pela estética do capital, numa inversão de valores históricos, onde interesses econômicos ditam o urbano e suas características. Foi longe também, o papel do Estado como o grande patrocinador, o grande mecenas de transformações urbanas, relegando esse papel à iniciativa privada, que dentro de sua lógica, vê a cidade com um bem de alta rentabilidade.

Nós, arquitetos, nos tornamos atores passivos desta realidade ao esque-

cer do nosso principal campo de atuação, a cidade, a mesma que ajudamos a construir. Mesmo participantes deste mercado, tendo nossas pequenas empresas que precisam dar lucros e pagar suas contas, não podemos nunca nos esquecer de que nosso "produto artístico" estará sempre aí à mostra, nesta galeria ao ar livre e em eterna exposição que chamamos de cidade.

Muitos seriam os motivos que poderíamos apontar para o caos urbano por que passam as cidades, mas nós, arquitetos, tendo ou não nossa parcela de culpa, precisamos ter em mente que a cidade é merecedora de arquiteturas que a levem como referência, pensem na arquitetura não como um objeto isolado ou auto-suficiente, mas como parte importante da construção da cidade de forma crítica, cuidadosa e respeitosa. Os arquitetos

precisam reassumir seu papel de humanistas históricos e voltar a discutir a cidade. Precisamos ser mais sensíveis ao tentar entendê-la e críticos, nos momentos certos. A cidade que nós queremos nem sempre é a realidade que encontramos. Mas, cabe a cada arquiteto refletir sobre sua cidade e voltar seu olhar ao que está ao seu redor e transferir isso ao seu traço, ao seu meio de expressão. Arquitetura e a cidade precisam voltar a dialogar.

**FABIANO VIEIRA DIAS** é arquiteto-urbanista

---

**A cidade que  
queremos  
nem sempre  
é a realidade  
que  
encontramos**

---